



Nota de Abertura  
ROSA NEVES SIMAS



## Mulheres Assassinadas em Portugal: De Setembro a Dezembro de 2014

Terminamos a nossa reflexão sobre o trágico ano de 2014, quando a vida de 44 mulheres foi ceifada por assassinos da sua intimidade – maridos, companheiros, namorados e outros familiares. Lembro que já examinamos os femicídios ocorridos de Janeiro a Agosto.

De Setembro a Dezembro, 13 mulheres foram assassinadas, o que perfaz o dramático total de 44 acima referido. Ironicamente, o mês de Novembro, quando se assinala o Dia Internacional contra a Violência contra as Mulheres, foi o mais mortífero do ano, tendo seis mulheres perdido a vida de forma violenta e trágica.

Mais uma vez, a residência foi o local onde a grande maioria destas atrocidades teve lugar – nove no total. As outras quatro perderam a vida na via pública.

Nestes últimos quatro meses de 2014, a maioria dos assassinos escolheu uma arma branca – sete no total – enquanto três utilizaram arma de fogo, dois mataram por espancamento e um por afogamento.

Porém, nestes últimos meses de 2014, as vítimas foram, em geral, mais novas. Houve apenas uma vítima com 72 anos, uma com 60 e uma com 52. Em contrapartida, quatro estavam na casa dos 40 e três nos 30. Uma, de apenas 25 anos, foi afogada pelo companheiro. E foi no final do 2014 que foram assassinadas as únicas adolescentes, uma de 16 em Outubro e outra de 17 em Dezembro.

O ano de 2014 foi mesmo negro, ultrapassado apenas por 2008, quando houve 46 femicídios! E 2015, que inclui uma morte na própria noite de Natal?

Desejos de paz e vida em 2016! ♦

# Resistências e luta das mulheres Mundo novo mais justo e igualitário

A intervenção feminista a nível mundial, regional e local, teve, em 2015, especial enfoque na 4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres

CLARISSE CANHA  
UMAR - AÇORES / MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES

Organizações e movimentos feministas desenvolvem ação direta e diária, no campo dos direitos e valorização dos percursos das mulheres, assim como na denúncia e erradicação das discriminações e violências de género. A par desta ação, destaca-se em 2015, a 4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres, com realizações nos diferentes continentes e países como Portugal, incluindo os Açores.

Ainda em 2015, destaca-se a Campanha Mundial “16 dias de ativismo pelo fim da violência de género” que decorreu de 25 de Novembro a 10 de Dezembro, na qual se realizaram ações de rua, debates, conversas e foram publicados cerca de 3 dezenas de artigos de diferentes autorias. Almerinda Bento, no seu artigo “O dia em que escrevo este pequeno texto” fala-nos da ação Marcha e das resistências das mulheres no mundo:

“Trago aqui o exemplo concreto de uma mulher concreta. Um exemplo de resistência e de luta.



Encerramento 4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres Lisboa

Muitas D. Dulces quis a Caravana Feminista visibilizar ao longo dos cerca de oito meses que percorreu a Europa de Sul a Norte, de Este a Oeste.

A Caravana partiu do Curdistão no sul da Turquia a 8 de Março e chegou a Portugal a 12 de Outubro tendo terminado a sua extensa viagem a 17 de Outubro em Lisboa. Por onde passou, esteve com mulheres, comunidades, colectivos e organizações de mulheres que lutam e resistem contra as diversas formas de patriarcado e de capitalismo. Aprendeu com essas experiências, levou-lhes a solidariedade feminista, confirmou a certeza

de que só a solidariedade, a resistência e a luta podem ser a resposta às várias opressões do patriarcado: a discriminação, o sexismo, o machismo, a lesbofobia, a transfobia, o racismo, as violências.

Por muito diversas que sejam as realidades e que têm a ver com os territórios, as culturas e as histórias que constituem as vivências das mulheres, continua claro para a Marcha Mundial das Mulheres que há traços que são comuns a todas e que têm a ver com a sociedade patriarcal e capitalista detentora do poder e das regras que oprimem as mulheres. E que enquanto esses códigos persistirem,



LUÍS FERREIRA



nenhuma revolução é verdadeiramente revolucionária, transformadora e libertadora se ela não quebrar com os preconceitos, os espartilhos e os limites que olham para a sociedade apenas com um olho, o olho da masculinidade hegemónica.”♦

Ver mais em  
[www.umaracores.org](http://www.umaracores.org)

## Maus tratos sobre idosos/as

# À violência de género junta-se a violência etária

A população idosa representa 13,26 % da população Açoriana. (Censos, 2011). Os Açores, segue a tendência Europeia e de Portugal em geral quanto ao envelhecimento populacional, o que tem feito emergir necessidades de respostas sociais e fenómenos ainda pouco conhecidos, como a violência contra o/a idoso/a.

Na base deste fenómeno estarão causas sociais, culturais e familiares, o que poderá ser consequência da rejeição da pessoa idosa, da subcarga familiar e a valorização da juventude, saúde e produtividade que caracteriza a nossa sociedade.

O estudo recente sobre este fenómeno nos Açores, (Carvalho & Vieira, 2015) em relação ao idoso/a não institucionalizado, concluiu que 24,5 % dos/as idosos/as são vítimas de vio-



lência, a mais frequente a psicológica (46,66 %), seguida da negligência (30 %), do abuso económico (13,33 %) e a física (10 %). Os agressores são na maioria os filhos (56,5%), seguindo-se o conjugue (26,09 %).

O perfil do idoso vítima de violência nos Açores é: mulher, casada, com filhos, idade média 74 anos, baixo nível de escolaridade, cujo grau de dependência aumenta o risco do ser vítima de violência.

Esta realidade aponta para o que designo por violência aditiva, à violência de género junta-se a violência etária, onde a vítima tem ainda maior dificuldade em defender-se, em sair do ciclo da violência e mesmo em denunciá-la, pela relação de vinculação afectiva que tem com o agressor, o que exige respostas urgentes e adaptadas às mesmas. ♦ ROSA CARVALHAL